

Um caminho a ser definido 28

Rio — O ex-presidente do BNDES, Marcos Vianna, defende a existência de planos estratégicos de longo prazo. Para ele, o Brasil teve planos ousados na década de 50, 60 e 70 e não pode chegar ao ano 2.000 sem ter a certeza do caminho que vai percorrer.

Vianna observa que não se pretende fazer o Estado assumir a responsabilidade pela produção e muito menos há interesse em colocar uma camisa de força no setor empresarial, dizendo onde ele terá de investir.

“O Estado tem de incentivar o setor privado e motivá-lo. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, para se alocar recursos em estados novos como Roraima, Amapá, Tocantins e outros, é preciso indução, visão de futuro, atração.

A Zona Franca de Manaus não nasceu por acaso. Algumas empresas privadas de grande porte no setor automobilístico ou de autopeças surgiram porque o Estado foi buscá-las, se esforçou e cativou os investidores.

Ninguém vai botar o dinheiro no Brasil só porque o País tem samba e carnaval”, comenta.

Futuro — O ex-ministro Marcílio Marques Moreira acha que o Brasil precisa pensar também no futuro e planejar.

Para ele a produção industrial está evoluindo no sentido de reduzir a mão-de-obra, reduzir o custo da produção e competir cada vez mais acirradamente.

“Os países da Europa estão tendo hoje graves problemas de desemprego. É preciso ter um plano estratégico que veja o lado econômico e o lado social”, defende Marcílio.

O Brasil de hoje precisa saber como será a sua produção daqui a dez anos, o que vai acontecer com os seus velhos aposentados e como vamos gerar empregos para milhões de pessoas que são desqualificadas para o futuro e que terão de ter oportunidades.”, concluiu.